

Aula 2

GNOSTICISMO E CRISTIANISMO PRIMITIVO

META

A aula tem como meta proporcionar ao aluno a capacidade de situar a influência da filosofia grega no cristianismo. Compreender a origem e natureza do gnosticismo e a refutação desse movimento na tradição dos Padres da Igreja -Patrística

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Compreender articulação do pensamento gnóstico e suas imbricações no pensamento filosófico da Patrística, século II

PRÉ – REQUISITOS

Filosofia helenística II

Nilo César Batista da Silva

INTRODUÇÃO

O termo grego *gnose* pode ser genericamente traduzido por conhecimento. O gnosticismo enquanto doutrina mística e filosófica a grosso modo está relacionado com a busca de conhecimento. Muito pouco sabemos sobre a doutrina gnóstica, entretanto o nosso conhecimento dessas doutrinas nos foi repassado de forma tendenciosa por meio dos textos filosófico-teológicos dos Padres da Igreja que em defesa da fé cristã se referiam constantemente a tais doutrinas como heréticas e, de acordo com suas posições o gnosticismo tem raízes no paganismo tardio, amálgama do helenismo que posteriormente inspiraram as seitas heréticas. Essa filosofia foi adquirindo notabilidade a partir do *Concílio de Nicéia* (325), embora já exerciam influência por todo o Oriente até mesmo antes do cristianismo nascente.

Na versão da Patrologia latina o gnosticismo foi considerado o principal movimento herético dos primeiros séculos e tem relação estreita com a cultura helênica, em particular com as ideias neoplatônicas. Percebe-se também a forte influência com o pensamento judeu helenizado, representado por Fílon de Alexandria nas suas interpretações alegóricas dos textos Sagrados.



Fílon de Alexandria
(Fonte: <http://s3.drugiegoroda.ru>).

FÍLON DE ALEXANDRIA (25 A.C – 50 D. C)

Exegeta judeu que viveu em Alexandria (Egito) no decorrer do século I, conjuga filosofia grega com a tradição judaica. Lia os textos da Escritura utilizando categorias filosóficas platônicas, aristotélicas, estoicas e céticas. Cf. CALABI, Francesca. *Fílon de Alexandria* Tradução José Bortolini. São Paulo, Paulus, 2014, p. 11

Outra vertente de estudos demonstra que a doutrina gnóstica no começo da era cristã estava intimamente vinculada a complexidade do sincretismo das religiões orientais. Essas doutrinas tratavam de problemas existências da realidade do mundo e mais concretamente ocupavam-se da explicação sobre a origem do mal e do bem. A posição gnóstica tem como ponto de partida o dualismo entre o bem (Deus) e o mal (matéria). Na interpretação dos gnósticos o ser divino produz por emanção uma série de eones, cuja perfeição vai decrescendo, assim o mundo é uma etapa intermediária entre o divino e o material.

Eones, termo utilizado pelo gnosticismo para designar a inteligência divina e eterna, emanados da unidade suprema que põe em relação a matéria e o espírito.

De certo modo isso faz com que as doutrinas essenciais do cristianismo, como a criação do mundo, a redenção do homem, adquiram um caráter natural como simples momentos da grande luta dualista entre o material e imaterial, o bem e o mal. O saber gnóstico não é ciência em sentido usual e, tampouco pode ser considerado revelação enquanto doutrina teológica ou religiosa, mas eram caracterizados de um saber por iluminação superior chamada de *gnósis*, com a qual pretende explicar forçosamente, os textos sagrados, recorrendo à interpretação alegórica, e por isso frequentemente cometem heresias para os cristãos.



Criação dos Gnósticos

(Fonte: <http://dialoghiconpietroautier.myblog.it>).

GNOSTICISMO

(gr. γνῶσις, in. *Gnosticism*; fr. Gnosticisme; ai. Gnosticismus; it. Gnosticismo).

Foram assim designadas algumas correntes filosóficas que se difundiram nos primeiros séculos depois de Cristo no Oriente e no Ocidente. A literatura que produziram era rica e variada, mas perdeu-se, à exceção de poucos textos conservados em traduções coptas, chegando até nós apenas através dos trechos mencionados e, ao mesmo tempo, refutados pelos Padres Apologistas. O Gnosticismo é uma primeira tentativa de filosofia cristã, feita sem rigor sistemático, com a mistura de elementos cristãos míticos, neoplatônicos e orientais. Em geral, para os gnósticos o conhecimento era condição para a salvação, donde esse nome, que foi adotado pela primeira vez pelos Ofitas ou Sociedade da Serpente, que mais tarde se dividiram em numerosas seitas. Estas utilizavam textos religiosos atribuídos a personalidades bíblicas, tal como o *Evangelho de Judas*, mencionado por Irineu (*Adv. haer.*, I, 31,1). Outros textos dessa espécie foram encontrados em traduções coptas; entre eles, o mais importante é *Pistis Sophia* (publicado em 1851), que expõe em forma de diálogo entre o Salvador ressuscitado e seus discípulos, especialmente Maria Madalena, a queda e a redenção de *Pistis Sophia*, ser pertencente ao mundo dos *Eons*(v.), bem como o caminho da purificação do homem por meio da penitência. Os principais gnósticos dos quais temos notícia são: Basíledes, Carpócrates, Valentim e Bardesane, cujas doutrinas são conhecidas pelas refutações feitas por Clemente de Alexandria, Irineu e Hipólito. Uma das teorias mais típicas do Gnosticismo. é o dualismo dos princípios supremos (admitido, p. ex., por Basíledes), ligado a concepções orientais. A tentativa de união entre os dois princípios, bem e mal, tem como resultado o mundo, no qual as trevas e a luz se unem, mas com predomínio das trevas. Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, Tradução de Ivone Castilho Benedetti, 1ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 2000, p.485.

Identificamos nos últimos tempos novas pesquisas de textos gnósticos. Foram descobertos surpreendentes manuscritos na biblioteca de Nag-Hammadi no Egito. Tais manuscritos descobertos em Nag Hammadi reúnem alguns ensinamentos sobre a criação do cosmo, sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo e a relação do mestre com os seus apóstolos, histórias desconhecidas e controvérsias. Muitos desses textos tornaram-se disponíveis em outras línguas, na coletânea chamada de os *apócrifos do Novo Testamento*.

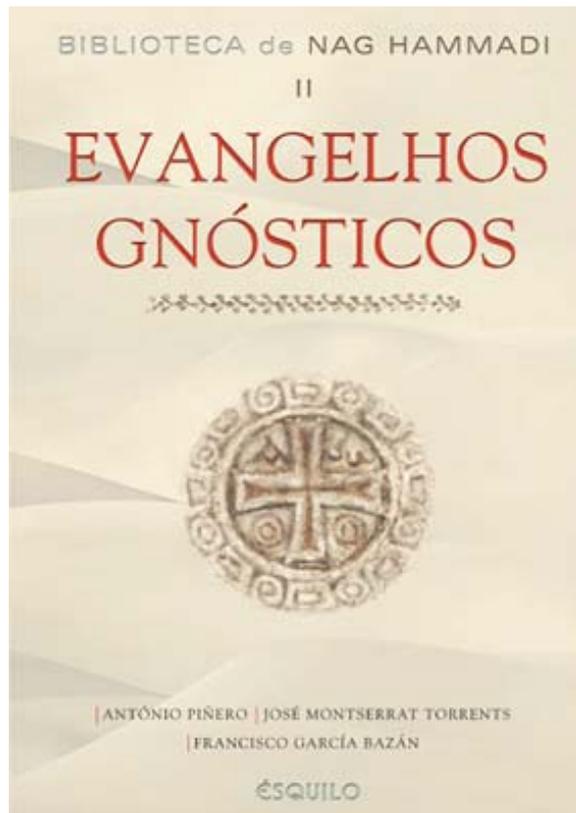


(Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>)



Manuscritos Gnósticos encontrados na biblioteca do Egito
(Fonte: <https://konekrusoskronos.files.wordpress.com>).

Estudos realizados desde 1945 na biblioteca de Nag-Hammadi no Egito à margem do mar morto despertou atenção de muitos estudiosos interessados na investigação de correntes do gnosticismo decorrente no século II. Foram encontrados textos manuscritos gnósticos originais em linguagem copta. Cf. RUDOLPH, Kurt. *Gnosis, the Nature & History of Gnosticism*. HarperOne, 1987, p. 34, (tradução nossa do inglês).



Evangelhos gnósticos
(Fonte: <https://portalivros.files.wordpress.com>).

Vimos que da relação de embate dos Padres da Igreja com os gnósticos orientais surge um forte movimento no protocristianismo, chamado de “gnose cristã”, com a finalidade de combater as heresias contra a fé cristã. Destacam-se nesse movimento de ataque aos gnósticos pagãos, os apologetas, do século II, Justino, o Mártir (100-170), Tertuliano (169-220), Orígenes (254), e os demais Padres da Igreja que fundaram o movimento filosófico denominado de Patrística.

A PATRÍSTICA - SÉCULOS II- VI

Patrística é uma corrente filosófico-teológica composta pelos Padres da Igreja nos primeiros séculos da era cristã. Os textos originais dessa época foram redigidos em grego e latim. Os Padres da Igreja eram considerados grandes pensadores que por suas investigações contribuíram para o fortalecimento da doutrina cristã, aproximadamente ao longo de seis séculos. Do Oriente ao Ocidente constituíram-se “Pais” e doutores da Igreja, firmaram os fundamentos da fé cristã, enfrentaram muitas heresias e, de certa forma foram responsáveis pelo que chamamos de Tradição da Igreja. Transmitiram a filosofia grega para o mundo latino, edificando os alicerces da filosofia medieval.

GNOSTICISMO E O CRISTIANISMO NASCENTE.

A relação entre gnosticismo e filosofia cristã não é simples para dela ter explicação em poucas páginas, a partir do momento em que a própria noção de gnosticismo se mostra complexa, todavia, tornar-se-ia fugaz abordar de forma superficial a fragmentação textual de diversas seitas e escolas. No movimento gnóstico difunde-se a crença de que a verdade divina está contida numa revelação acessível somente aos iniciados, os quais podiam obtê-la por meio da experiência direta da revelação ou mediante a iniciação à rituais secretos, exotéricos onde são dadas tais revelações.

Por estas razões que o gnosticismo foi combatido de modo especialmente inteligente por uma série de Padres gregos e latinos, desde Santo Irineu no século II e seus contemporâneos até Agostinho de Hipona na edição *Sobre a verdadeira religião* (389), um texto de teor bastante apologético. Ambos procuram sustentar a tradição revelada aos apóstolos e dar garantia à continuidade da Igreja ameaçada pelo movimento herético gnóstico. Agostinho de Hipona conheceu a doutrina gnóstica no maniqueísmo do qual fez parte, mas logo passou a refutar suas teses por considerar um afrontamento as bases filosóficas da fé cristã. Com o advento dos Padres da Igreja, a filosofia foi se tornando instrumento de exercitatio da razão para sustentar com vigor os conteúdos da fé cristã, prescrevendo-se como programa de estudo na Idade Média o lema *Fides quaerens intellectum*.

Os apologistas mais expressivos, como vimos, foram os Padres orientais, São Justino, da Palestina, morreu mártir da Igreja no ano 170, Santo Irineu e Santo Inácio de Antioquia, também fizeram partes desse movimento gnóstico cristão. Seus escritos, portanto, são, por vezes, apologias propriamente ditas, por vezes, obras de controvérsia e algumas teses, frequentemente dirigidas contra os pagãos, por isso foram buscar no pensamento grego as bases com refutações severas para o enfrentamento dos gnósticos. Justino, por exemplo, ficou conhecido pela sua instabilidade nas escolas gregas passando por diversas escolas filosóficas a peripatética, estoíca, pitagórica em busca do fundamento da verdade, não encontrando seu porto seguro em nenhuma corrente de pensamento abandona o gnosticismo ao ingressar no cristianismo, onde encontrou a verdade. Nesse último estágio Justino procura a unidade, a conciliação entre paganismo e cristianismo, entre filosofia e revelação, por sua vez, julga encontrar segurança na fé desligando-se da filosofia grega.

A Escola de Alexandria também exerceu um papel importante na transposição da cultura filosófica grega para o mundo latino. Clemente de Alexandria escreveu o *Stromata*, obra eclética que se caracteriza por uma mistura de crenças místicas e ideias filosóficas gregas, valorizando enormemente o exercício da razão por meio da filosofia, Clemente sustentava que a compreensão de uma verdadeira *gnose*, ainda que cristã, subordinada

à fé revelada que é o critério supremo da verdade, isto é, a filosofia deve ser etapa prévia para chegar a esse saber mais elevado que qualquer outro - o saber místico. Contudo, a teologia de Clemente deveria negar a possibilidade de compreender Deus, por meio de uma teologia simbólica ou afirmativa, dada a sua absoluta transcendência, diante dela só pode ser válida a chamada “teologia negativa”. Mas como pode o conhecimento do “verdadeiro gnóstico” excluir a possibilidade de que Deus seja conhecido? A gnose de Clemente constitui, por certos aspectos, a rejeição do platonismo no qual fundamenta a mística especulativa. Para Clemente de Alexandria, “o conhecimento pelo qual podemos chegar à Deus não é o do intelecto, mas sim por uma iluminação, essa é a noção Clementina do conhecimento místico de Deus. O santo não vê mais através de um espelho, mas numa visão absolutamente clara e pura, ele se esforça por se assemelhar a Deus para ficar no estado de união com ele”. (*Strom.* VII 3, 14, 1). “A verdadeira ciência é aquela que nos proporciona o conhecimento de Deus. O gnóstico tendo ultrapassado todas as etapas da experiência mística, encontra face a face com ele”. (Cf. MORESCHINI, Claudio. 2004, pp. 43-44).

Percebemos até o presente momento que há inúmeras controvérsias na investigação sobre a origem e a natureza dos escritos gnósticos. Alguns consideram um movimento genuinamente cristão, outros os consideram uma ameaça a mensagem dogmática cristã. Enquanto muitos defendem que suas origens estejam na religião pré-cristã de origem judaica, filósofos contemporâneos, assim como o francês Michel Foucault (1926-1984) destacou a influência da filosofia grega no movimento gnóstico, o que ele define por “aguda helenização do cristianismo”. Nesse caso, Foucault pretende caracterizar e revestir o cristianismo de gnosticismo, algo que não podemos afirmar com propriedade, devido as suas imensas divergências. (Cf. Foucault, Michel: 2010, p.312).

Estudos recentes demonstram que há uma considerável presença do gnosticismo na cultura cristã. Por volta do ano 100-140 na região do delta do Nilo identificam a existência de um gnóstico, bispo de Alexandria por nome de Valentino que se tornou influente líder espiritual nas primeiras comunidades cristãs. Em busca de se candidatar a papa foi transferido para Roma. Sua produção literária logo foi refutada pelo apologista cristão, Tertuliano (169-220) por considerar seus escritos de natureza herética, por conseguinte decorreu no interior da Patrística inúmeras teses em refutação aos gnósticos por considerar esse ensinamento perigoso a doutrina cristã.



O apologista Tertuliano
(Fonte: <http://ugabuga.ru>).

TERTULIANO (169-220)

Notável apologista cristã, foi um inimigo fervoroso do gnosticismo e de toda cultura pagã e mesmo da própria ciência racional. Ao se voltar contra os gnósticos, que usavam os recursos da filosofia, volta-se contra ela. Tertuliano nasceu em Cartago no norte da África. A cidade de Cartago era uma província colonizada pelos romanos, situada a onde hoje é conhecido como Tunísia. Seu pai, pagão, era um subalterno no exército carteniense. O jovem Tertuliano teve seu estudo universitário em Roma, onde se formou em direito, como advogado ele recebeu uma extensa educação em retórica e leis.

A produção textual do sistema gnóstico de Valentino nos alcançou de maneira pormenorizadas, através das refutações dos heresiólogos, ou seja, por meio dos estudos da Patrologia grega e latina, que segundos os Padres da Igreja se trata de uma doutrina fortemente intelectualizada, tanto que, para os antigos essa especulação estava eivada de ecos platônicos. (Cf. Tertuliano, *Contra os valentinianos* 15, 1; 16, 3). Conforme Tertuliano, os valentinianos entenderam os *éons* em analogia com as ideias platônicas e também conforme referências Tertulianas, Valentino teria entendido os *éons* como pensamentos, afeições e movimentos dentro do ser divino e que somente Tolemeu, o grande sistematizador da escola valentiniana, teria feito deles realidades pessoais (Cf. Tertuliano, *Contra os valentinianos* 4, 2).

Os valentinianos usaram o termo *probolé* para indicar o processo de emanção da realidade primordial. Também para indicar o ser emanado. Cada emanção conserva a essência do Pai que a emana, mas com uma diminuição sempre crescente, à medida que se afasta de Deus, essas afirmações se

tornaram duvidosas para muitos filósofos cristãos. (Cf. MORESCHINI, Claudio, op., cit., p.53). É importante notar que embora os valentinianos afirmassem a origem da matéria, não pensaram, todavia, numa *creatio ex nihilo*. Segundo os gnósticos a matéria não é criada por um ato soberano de Deus, mas se forma como o produto da queda de *Sophia*. O mesmo esquema platônico da criação do mundo é transformado, ao passo que, segundo os valentianos, o *demiurgo* não conhece as ideias das coisas que cria; ele produz o que *Sophia* lhe insinua, mas para *Sophia* era o pleroma, isto é, o modelo da criação. “O verdadeiro criador é, portanto, *Sophia*, ao passo que o *demiurgo* é rebaixado a mero instrumento de *Sophia*. Também a substância hílca, de que se formam não somente os elementos do mundo, mas também os demônios e as almas dos animais, que são substancialmente iguais a eles, possuem os predicados com os quais os platônicos caracterizavam a matéria”. Cf. MORESCHINI, Claudio, op., cit., p.56.

O LOGOS NO PENSAMENTO APOLOGÉTICO DE JUSTINO (†163).

Justino fundamenta seus escritos na doutrina do logos que retrata o Pensador grego, Heráclito de Éfeso, quando utiliza o termo para explicar a unidade da realidade em seu constante movimento. Esse consiste da parte de Justino o grande esforço no sentido de incorporar elementos da filosofia helênica no cristianismo. Tal esforço justifica-se também pela pretensão de situar o cristianismo na condição de religião universal, nessas condições, Justino escreve uma teologia da história, tendo como base a analogia entre o discurso filosófico do *logos* e o agir de Deus na história da criação.

Com efeito, as opiniões de Justino sobre a filosofia antiga contêm em germe também uma filosofia da história de alcance universal, destinada a um duradouro êxito de Eusébio a Orósio. Justino considera toda a história da humanidade, tanto a de Israel como a dos gregos, como uma história dirigida por Deus. Somos convidados a fazer uso da razão para viver e pensar segundo o *logos*, por conseguinte descobrir a verdade. Para os indivíduos assim como para todos os povos, gregos e bárbaros, é na história que se realiza o plano divino de redenção.

O apologeta se apropriando do pensamento grego para explicar o Exórdio do *Evangelho de João*, chega a conclusões teológica importantes ao dizer que o logos é o Verbo de Deus encarnado na história, não somente encarnado, mas também já presente desde o início dos tempos na história da humanidade. O Filho de Deus, o « *verbum dei* » que se fez humanidade e também a revela a suma sabedoria e racionalidade. Justino, portanto, talvez seja o primeiro a elaborar de modo orgânico a interpretação de tipo filosófico e análogo o logos no texto joanino. Noção que se prolonga por toda a especulação filosófica-teológica medieval. Não se pode esquecer, aliás, que ele manteve contato com a filosofia medioplatônica, conheceu

a interpretação alegórica de Atenas como intelecto de Deus, do platônico Antíoco de Ascalônia (130-68 a.C.), em referências ao pensamento divino e a realidade inteligível. A mente de Deus coincide com o “mundo concebido pelo pensamento”, ou seja, com a totalidade das ideias.

Justino, no contato com o Evangelho de João, percebe que o logos estava presente na criação do mundo. As analogias entre as teses do cristianismo sobre a criação do mundo são encontradas no *Timeu* de Platão, obra que foi muito bem assimilada no meio platonismo. O apologeta também percebe algumas analogias entre a narrativa do profeta Moisés do antigo testamento com a cosmologia medioplatônica e ainda ousa afirmar que Platão tirou de Moisés seus conhecimentos do *Timeu*. Mas, diferentemente dos platônicos, Justino, jamais atribui a matéria a origem do mal. A realidade criada possui, por sua natureza, a liberdade de responder para o bem e para o mal a criação como tal é boa.

De acordo com Etienne Gilson, o texto “*Diálogo com Trifon*” escrito por Justino é de uma importância capital, por nos mostrar, num caso concreto e historicamente observável, como a religião cristã pôde assimilar imediatamente um domínio reivindicado até então pelos filósofos. Justino se apresenta como o primeiro daqueles para quem a revelação cristã é o ponto culminante de uma revelação mais ampla e, não obstante, cristã a seu modo, pois de toda a revelação vem do Verbo e que Cristo é o Verbo encarnado. Podemos, pois, considerá-lo o ancestral dessa família espiritual cristã, da qual o cristianismo largamente aberto reivindica como seus todo o verdadeiro e todo o bem, que ele se dedica a descobrir para assimilar”. (Cf. GILSON, Etienne:2013, p. 4-8).

Não obstante, por algum tempo Justino sentira-se satisfeito com a filosofia Platônica, mas não demorou em verificar que a filosofia grega não estava em condições de dar respostas aos problemas mais essenciais do cristianismo nascente. Leia-se em algumas partes do *Diálogo com Trifon*.

JUSTINO (†163), DIÁLOGO COM TRIFON (DEPOIS DE 202), MG T. 6, C. 477.

Eu também nutria, a princípio, o desejo de tratar com algum destes filósofos. Dirigi-me, pois, a um estóico, e passei com ele bastante tempo. Entretanto, como nada adiantasse no conhecimento de Deus – ele mesmo era incrédulo e julgava desnecessário tal saber – abandonei-o, e associei-me a um dos que passam pelo nome de peripatéticos. Este homem se tinha em conta de muito perspicaz. Frequentei-o por alguns dias. Pediu-me então que lhe pagasse um salário, para que as nossas relações não resultassem inúteis. Por isso abandonei-o, deixando mesmo de tê-lo em conta de filósofo. Mas como a minha alma persistisse no desejo ardente de conhecer a natureza e a excelência da filosofia, fui ter com um renomado pitagórico, que muito se vangloriava de seu

saber. Ao tratar com ele da minha admissão como ouvinte e discípulo, perguntou-me: “Como assim? Já estudaste, porventura, a música, a astronomia e a geometria? Ou julgas poder contemplar alguma daquelas realidades que conduzem à felicidade sem teres aprendido primeiro estas ciências, que desembaraçam a alma das coisas sensíveis, e a tornam apta para as inteligíveis, de modo a poder contemplar o que é belo e bom em si mesmo”? E tendo elogiado sobremaneira aquelas ciências e insistido na sua necessidade, despediu-me, pois tive que confessar que as ignorava. Escusado dizer que me entristeci bastante com esta nova desilusão, tanto mais que eu tivera a impressão de que ele sabia alguma coisa. Mas, refletindo sobre o tempo que teria que gastar naquelas disciplinas, não me senti disposto a tão longa demora. Cada vez mais perplexo, resolvi procurar os platônicos, que também desfrutavam de grande fama. Ora, justamente naqueles dias chegara à nossa cidade um dos representantes mais doutos e eminentes desta escola. Pus-me a frequentá-lo com a máxima assiduidade. Fiz grandes progressos e apliquei-me diariamente a ele, tanto quanto me era possível. Senti-me tomado de um grande entusiasmo pelo conhecimento das coisas incorporais, e a contemplação das Ideias dava asas a meu espírito. Comecei logo a ter-me por sábio, e, tolo como era, cuidei chegar sem demora à contemplação de Deus. Pois este é o objetivo da filosofia platônica. Cf. BOEHNER, Philotheus e GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã. Desde as Origens até Nicolau de Cusa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 32.

Com efeito, Justino é uma figura relevante no programa filosófico da Patrística, não tanto pela originalidade de suas concepções, mas porque nela pela primeira vez encontramos a figura do filósofo cristão como aquele que possibilitou a síntese entre filosofia grega e o cristianismo. Justino conhecia a cultura grega e a utiliza para expor a verdade cristã, servindo-se constantemente das ideias helênicas, na tentativa de harmonizar com os conteúdos que justificam a teologia da revelação, há nele, portanto, uma aceitação do pensamento racional dos gentios, que contrasta com a hostilidade de Tertuliano.

A CONCEPÇÃO DE DEUS EM IRINEU (130-202) - CONTRA AS HERESIAS (180 D.C.)

Apesar de ser considerado o filósofo da Patrística, o *corpus textual* de Irineu de Lyon tem caráter essencialmente diferente dos apologistas que estão voltados para a filosofia grega. O filósofo de Lyon estava mais preocupado com a doutrina cristã, por este motivo pretende formular um sistema eclesiológico para favorecer a edificação da Igreja.

SANTO IRINEU DE LYON (130-202)

Padre da Igreja, grego, filho de pais cristãos, nasceu na ilha de Esmirna, no ano 130. Foi discípulo de Policarpo, outro Padre e santo da Igreja. Dele Irineu pôde recolher ainda viva a tradição apostólica, pois Policarpo fora consagrado bispo pelo próprio João Evangelista, o que torna importantíssimos os seus testemunhos doutrinários. A sua obra escrita mais importante foi o tratado "*Contra as heresias*", onde trata da falsa gnose, e depois, de todas as outras heresias da época. O texto grego foi perdido, mas existem as traduções latina, armênia e siríaca. Importante não só do lado teológico, onde expôs já pronta a teoria sobre a autoridade doutrinária da Igreja, mas ainda do lado histórico, pois documentou e nos apresentou um quadro vivo das batalhas e lutas de então. Mais tarde, um outro tratado, chamado "Demonstração da pregação apostólica", foi encontrado inteiro, numa tradução armênia. Além de vários fragmentos de outras obras, cartas, discursos e pequenos tratados. <https://www.paulinas.org.br/diafeliz/?system=santo&id=296>

Irineu quando escreve o *Contra as heresias*, pretende desenvolver um grandioso sistema eclesiológico, o mais significativo dos primeiros séculos cristãos, e capaz de se impor até mesmo aos escritores seguintes, por vários aspectos. Todavia, Irineu não é um escritor inculto. O seu conceito de Deus se caracteriza, como o dos apologistas, por concepções filosóficas, embora não muito aprofundadas. Sua concepção gira em torno de que Deus é não-nascido, eterno, não tem necessidade de nada, basta a si mesmo e dá aos outros seres a existência (*Contra as heresias* III 8,3); é perfeito, todo luz, todo espírito, todo substância e fonte de todas as coisas boas (Cf. *Contra as heresias* IV 1; I 12,2; II 13,3.8; 28,4). Deus abraça tudo e, como não-nascido, está acima de todo ser criado (Cf. *Contra as heresias* II 25 3; V 5,2). No segundo livro da sua obra, O *Contra as heresias*, Irineu pretende refutar as argumentações dos gnósticos, partindo desses pressupostos supracitados. Ele considera os éons da doutrina dos valentinianos como uma série de funções espirituais e psíquicas hipostasiadas; por isso, o erro daqueles heréticos consiste em atribuir a Deus as afeições da alma humana (Cf. *Contra as heresias* II 13,3.8; 28,5; I 12, 1ss). Ao contrário, Deus é simples isso é tudo o que o homem pode dizer sobre ele. Se se separa de Deus o Intelecto como uma forma de emanção, faz-se de Deus um ser composto.

SOBRE A DOCTRINA DA CRIAÇÃO DE IRINEU DE LYON

A doutrina da criação de Irineu de Lyon, tem características platônicas, por quem os gnósticos, como diz, teriam sido influenciados (II 14). Essa concepção o leva a traçar um modelo de cosmologia que depende certamente de Teófilo, mas o amplia e o supera. Deus criou o mundo por um ato de livre vontade e de bondade (II 1,1); o fez mediante a sua palavra e nessa afirmação Irineu retoma a concepção de Teófilo de que as mãos de Deus seriam a sua palavra e a sua sabedoria (I 22,1; II 2,4 ss.; 11,1; 27,2). Ele criou por si mesmo também a matéria: isso significa, conseqüentemente, que a matéria certamente não preexistia à criação, mas que somente Deus é o criador em sentido absoluto. Se existem “ideias” originárias das coisas, elas são produzidas por ele do mesmo modo como a matéria (II 30,9). Cf. MORESCHINI, Claudio. *História da Filosofia Patrística*. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo, Loyola, 2008, p.91)

CONCLUSÃO

A Patrística pode ser analisada sob dois aspectos importantes: o histórico e filosófico-teológico. Do ponto de vista filosófico-teológico, percebemos que os Padres, teólogos da Igreja oriental se mostram mais audaciosos e inclinados à especulação enquanto os latinos se dedicam mais a exposição e defesa da fé cristã. Estes refletem uma certa hostilidade para com a filosofia grega e limitam a teologia a uma simples apresentação das doutrinas contidas na Sagrada Escritura. Os Padres orientais acentuam mais o aspecto da contemplação e do êxtase, elementos assimilados do platonismo.

Com efeito, os Padres da Igreja não dispõem de um sistema filosófico definido e rigoroso. Toma do pensamento helênico os elementos de que necessitam em cada caso e, ademais, é preciso ter em conta que seu conhecimento da filosofia grega é muito parcial e deficiente. As questões que mais preocupam os Padres da Igreja são as mais importantes formuladas pelo dogma. Os problemas filosóficos (e isso ocorre também na Idade Média) quase sempre são impostos por uma verdade religiosa, revelada, que exige interpretação racional. A razão serve, portanto, para esclarecer e formular os dogmas ou para defendê-los. A criação, o Uno, a relação de Deus com o mundo, o mal, a alma, o destino da existência são problemas capitais da Patrística.

Do ponto de vista histórico é marcado, de modo especial, pela reconciliação da Igreja com o Império romano realizada por Constantino (313-337) da qual o concílio de Nicéia (325) é o símbolo desse marco

histórico. De 313 até seu falecimento, em 337, o imperador Constantino o Grande tomou uma série de medidas de apoio à causa cristã, começando por outorgar a liberdade aos cristãos e restituir-lhes os bens confiscados, convocar o Concílio de Nicéia (legitimado posteriormente pelo Papa) e batalhar contra Licínio, que havia retomado no Oriente suas perseguições contra os cristãos, até que o prendeu e mandou executar. Os distintos decretos e disposições são conhecidos pelo nome genérico de Edito de Milão. Num clima de paz, e a partir da sanção conciliar do dogma da consubstancialidade do Pai e do Filho (editado no Concílio Ecumênico de Nicéia, 325), o pensamento cristão orientou-se cada vez mais para a fundamentação positiva e especulativa da Revelação.

O gnosticismo não foi um movimento popular, mas aristocrático, cultivado por espíritos refinados, que buscavam combinar a filosofia com um nebuloso fundo de aspirações religiosas, no qual predominavam a preocupação pelo problema do mal e da dor. A sua origem é remota, talvez anterior ao próprio cristianismo, mas teve o seu máximo desenvolvimento durante os três primeiros séculos da nossa Era, enquadrando elementos soteriológicos judaicos e cristãos, numa confusa mistura de filosofia e misticismo sob a forma de especulações cosmológicas.



RESUMO

A divisão mais profunda da história da filosofia é marcada pelo cristianismo; as duas grandes etapas do pensamento ocidental estão separadas por ele. O cristianismo exerce um papel decisivo na história da metafísica porque modificou de modo essencial os pressupostos a partir dos quais se move o homem, e, portanto, a situação de que parte para filosofar. O cristianismo traz para filosofia uma ideia totalmente nova que dá sentido à existência do mundo e do homem – a ideia de criação. Esse conceito permite interpretar o ser do mundo desde e o de Deus. Temos por um lado, Deus, o verdadeiro ser, criador; por outro, o ser criado, a criatura cujo ser é recebido. É a verdade religiosa da criação que obriga a interpretar esse ser e coloca o problema filosófico do ser e do criado, de Deus e da criatura. Desse modo, o cristianismo, que não é filosofia, afeta-a de modo decisivo, e a filosofia que surge da posição radical intelectual cristão, pode ser chamada, concretamente de filosofia cristã. Nessa perspectiva que a Patrística atinge a sua plena maturidade e ocupa um papel fundamental na filosofia medieval. O pensamento cristão ganhou clareza e profundidade e ao mesmo tempo vigência social no Império romano.

Palavras Chaves: Cristianismo, Gnosticismo, Neoplatonismo, Patrística.



ATIVIDADES

Pesquisar sobre os manuscritos gnósticos originais em linguagem copta encontrados na biblioteca de Nag-Hammadi no Egito. Verificar a importância desses manuscritos para a compreensão das origens do gnosticismo e identificar o impacto que exerce na leitura que os Padres da Igreja – Patrística fizeram do gnosticismo.



PRÓXIMA AULA

Idade Média e Neoplatonismo.

REFERÊNCIAS

ORÍGENES. **Contra Celso**. Tradução Orlando dos Reis, Introdução e notas Roque Frangiotti. São Paulo, Paulus, 2004.

MORESCHINI, Claudio. **História da Filosofia Patrística**. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo, Loyola, 2008.

CALABRI, Francesca. **Fílon de Alexandria**. Tradução José Bortolini, São Paulo, Paulus, 2014

BOEHNER, Philotheus e GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã. Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

GILSON, Etienne, A filosofia na Idade Média, Tradução Eduardo Brandão, São Paulo, Martins Fontes, 2013, p. 4-8

FOUCAULT, Michel. **O cuidado de si nos primeiros textos cristãos**. IN: *Hermenêutica do Sujeito*. Tradução Marcio Alves da Fonseca. São Paulo, Martins Fontes, 2010

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**, Tradução de Ivone Castilho Benedetti, 1ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 2000, p.485. Ver disponível on line.

<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Dicionario-de-Filosofia-Nicola-ABBAGNANO.pdf>

Clemente de Alexandria.

<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0679.pdf>

<https://docs.google.com/filed/0B8WnJeBQKrVEcDAtSUZBQzRBeGM/edit>
Revista – Gnosticismo e filosofia

<http://revistas.ufg.br/index.php/philosophos/article/view/13762#.VYyKh0bqWro>

<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/index>